Jornal do Commercio

Recife, 25 de junho de 2017 domingo JC Jornal do Commercio 15

Brasil

ESTUDO Brasil tem os maiores percentuais de participação feminina na produção científica

Brasileiras cada vez mais "nerds"

Agência Brasil

Estudo divulgado na semana passada pela Editora Elsevier, considerada referência em produção científica no mundo, revela que Brasil e Portugal têm os maiores percentuais de participação feminina na produção científica dos países: 49%, considerando o quinquênio 2011-2015. No caso brasileiro, houve um crescimento significativo na comparação com 1996-2000, quando 38% da pesquisa do país era feita por mulheres.

O estudo Gender in the Global Research Landscape (Gênero no Cenário Global de Pesquisa, em tradução livre) mede o desempenho da pesquisa e representação de gênero em 12 países ou regiões geográficas (somente a Comunidade Europeia tem 28 países) e 27 disciplinas.

"O Brasil evoluiu bem em termos de presença feminina na pesquisa científica. No primeiro quinquênio pesquisado, já havia uma participação importante e nesse último quinquênio, a participação feminina pulou para 49%, colocando o Brasil em primeiro lugar junto com Portugal", disse o vice-presidente de Relações Acadêmicas para a América Latina da Elsevier, Dante Cid.

Segundo ele, a participação das mulheres na pesquisa científica tem crescido em todas as regiões analisadas. No Brasil, está "praticamente com empate técnico" em relação aos homens, que aparecem com 51%. Nesse último quinquênio, o país que ficou mais abaixo em termos de participação feminina foi o Japão (20% contra 80% de presença masculina), embora o número de pesquisadoras tenha evoluído em comparação ao quinquênio analisado anteriormente (15%). "Mas ainda é bastante baixo por questões culturais, profissionais locais. Já o Brasil está conseguindo equilibrar bastante essa questão." Entre 1996 e 2000, nos 12 países ou regiões estudados, apenas em Portugal o percentual de participam mulheres na produção científica superava 40% do total.

Já no período 2011-2015, nove países ou regiões mostraram participação de pesquisadoras igual ou superior a 40% (Austrália, Brasil, Canadá, Dinamarca, União Europeia, França, Portugal, Reino Unido e Estados Unidos). De acordo com o estudo, apenas Chile, México e Japão têm participação de mulheres na produção científica abaixo desse percentual.

A análise feita por disciplinas revela que a presença feminina na pesquisa científica é muito maior que a masculina no Brasil em áreas ligadas à saúde, como medicina, bioquímica, genética, odontologia e enfermagem. Já os homens são maioria nas ciências exatas, entre as quais engenharia, física, computação, energia e ciências econômicas.

Segundo Dante Cid, entre as pesquisadoras da base de dados da Elsevier, 24% se dedicam à medicina; entre os homens, esse percentual é de 17%, ou 80,6 mil mulheres e 65 mil homens, em números absolutos. Por causa desse perfil, o representante da Elsevier calcula que no próximo quinquênio a ser analisado, a participação de mulheres na produção científica brasileira deve ultrapassar de homens, em especial na área de saúde. "É muito possível que o percentual de mulheres no futuro próximo venha superar o dos homens."

De acordo com a diretora da Academia Brasileira de Ciências (ABC), a doutora em física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Márcia Barbosa, a menor presença feminina na área das ciências exatas é um fenômeno mundial. "Eu descobri que era um ET no primeiro dia na faculdade de física", lembrou. Dos 40 alunos no curso, segundo ela, quatro eram mulheres, mas apenas ela se formou.

Para a pesquisadora, as origens da baixa participação das mulheres nas áreas exatas está relacionada à maneira como se educam e ensinam as crianças, que associam desde pequenas máquinas e equipamentos a atividades masculinas, ao passo que as mulheres são ensinadas a ser mais sociais e a não serem vistas como "nerds", pessoas muito dedicadas aos estudos.

O estudo constatou também que a presença feminina em relação a patentes é muito baixa no mundo inteiro. "Não chega a 20%", destacou Cid. O país que tem presença maior feminina neste setor é Portugal, com 26%. O Brasil aparece em segundo lugar, com 19%, contra 11% no quinquênio anterior, superando países como França (17%), Estados Unidos (14%), Reino Unido (12%), Austrália (12%).

DIVULGAÇÃO

FÍSICA Pesquisas das mulheres estão menos ligadas à área de exatas: erro na educação, diz Márcia

> "Brasil evoluiu bem em termos de presença feminina na pesquisa científica"

SAÚDE SUPLEMENTAR

Desperdício encarece planos

Agência Brasil

A presidente da Federação Nacional de Saúde Suplementar (FenaSaúde), Solange Beatriz, estima que em torno de 30% dos gastos em saúde privada no Brasil são desperdícios. De acordo com a entidade, as despesas assistenciais dos planos médico-hospitalares subiram mais que as receitas das operadoras, com expansão dos procedimentos e um número menor de consumidores, tanto em 2016 como em 2015, uma tendência que vem ocorrendo nos últimos dez anos.

Solange citou como exemplo desse desperdício o crescimento da quantidade de exames complementares por pessoa, como tomografia computadorizada (21%) e ressonância magnética (25,2%) entre 2015 e 2016. "Dentre as razões para esse salto, podem estar a má formação médica e incentivos financeiros de hospitais, médicos e laboratórios que, na maioria das vezes, são remunerados por procedimentos prescritos, o modelo conhecido como 'fee for service' (pagamento por procedimento)."

Nos EUA, por exemplo, a perda mínima de desperdícios seria 20%, o que corresponderia a US$ 600 bilhões, em 2016. Se esse percentual prevalecesse no Brasil, o desperdício de 20% em uma despesa total de cerca de R$ 140 bilhões significaria R$ 28 bilhões.

SIMEPE
SINDICATO DOS MÉDICOS DE PERNAMBUCO

ATENÇÃO MÉDICOS

Médicos apresentam proposta de reajuste para Olinda

Representantes do Simepe e médicos da rede voltaram a se reunir com a gestão municipal de Olinda na quarta-feira (21/06), na sede da Secretaria da Fazenda e da Administração da cidade. Durante o encontro, a direção do Simepe explicou o trabalho que vem sendo feito pela entidade junto à Prefeitura de Olinda e a outras gestões municipais sobre essa reivindicação. Foram apresentados ainda dados que ratificam a defasagem remuneratória dos profissionais, fato que é agravado ainda mais quando há um comparativo com outros municípios próximos. Ao final das discussões, foi apresentada à gestão municipal uma proposta que contempla as perdas remuneratória de anos da categoria médica, sempre aplicando-a no salário final recebido pelos profissionais e não apenas no vencimento base. Por fim, ficou estabelecido que as partes se reúnem para discutir o pleito no dia 25 de julho, novamente na Secretaria da Fazenda e da Administração. A reunião será realizada dois dias antes da AGE com os médicos da cidade, no dia 27/07, às 19h, na sede do Simepe.

Médicos da UPA Caxangá aprovam contraproposta

Mais uma vitória conquistada pelos médicos pernambucanos Após quase três horas de discussões e esclarecimentos, sob a coordenação do Sindicato dos Médicos (Simepe), os médicos plantonistas que atendem à Unidade de Pronto Atendimento (UPA) da Caxangá, aprovaram, na